

## 15. A verdadeira fonte da unidade

Onde inicia a unidade dos discípulos de Cristo? Onde ela é alimentada? Parece uma pergunta inútil, e no entanto, não é verdade que estamos realmente cientes disso, porque se fôssemos, quando não temos unidade, iríamos imediatamente à fonte para reencontrar ou alimentar novamente aquilo havíamos perdido ou que estamos perdendo. Jesus educou os seus discípulos à comunhão fraterna; ele sempre os corrigiu e os repreendeu quando começaram a discussão buscando um ser maior que os outros. No entanto, nisto ele não teve muito sucesso durante sua vida terrena, tanto é verdade que Lucas relata que foi mesmo durante a última Ceia, logo após Jesus ter instituído a Eucaristia, que os apóstolos começaram a discutir sobre "quem deles deveria ser considerado o maior" (Lc 22,24). De fato, eles não tinham entendido nada! Mas também nós, nossas invejas e divisões, nossas disputas explícitas ou secretas sobre quem é o maior, que abundam e persistem até mesmo nas comunidades monásticas; também nós, vivemos na presença de Cristo que dá seu corpo e derrama o seu sangue para a nossa salvação.

Jesus corrige imediatamente os seus discípulos, chama-os de volta à humildade nas relações comunitárias, isto é, a considerar os outros superiores a nós mesmos, porque Ele é o primeiro que está entre nós "como aquele serve" (Lc 22,27).

Mas também nessa cena, como em tantas outras cenas do Evangelho, percebe-se que os discípulos não compreendem, que não captam o chamado de Jesus, que não escutam realmente, pois afinal, não o escutaram realmente durante os três anos em que viveram com Ele. Se o tivessem escutado, não teriam discutido diante Dele, até o último momento, sobre quem seria o maior dentre eles.

Como somos insensatos! Nós não entendemos verdadeiramente e definitivamente o Evangelho de Jesus Cristo, e é como se nós nunca aprendêssemos verdadeiramente o que Ele é em meio a nós. Basta pensar quão poucas vezes fazemos memória de sua morte na Cruz por nós. Se pensássemos a respeito, se tivéssemos uma viva e ardente consciência disso, quanto mais gratuidade, quanto mais capacidade de serviço e de sacrifício animaria a nossa vida diária, nossas relações fraternas, o uso do tempo e das coisas!

Por que somos tão duros, surdos, lentos para entender e viver o que Cristo veio trazer ao mundo, e que também nos fascina, nos atrai, senão, não seríamos cristãos praticantes e menos ainda, pessoas engajadas em uma vocação de consagração particular?

Mas quando fazemos essas perguntas, quando nos escandalizamos com a nossa insensatez e lentidão, afinal é precisamente aí que cometemos o erro mais grave. Por quê? Porque quando ficamos chateados com as incoerências próprias e as alheias, é sempre como se o amor de Cristo, seu dom de vida até a morte por todos, sua humildade, em suma sua santidade, devêssemos nós ser capazes de vivê-los. Em vez disso, a experiência que fazemos e da qual devemos aprender é que não somos capazes de superar nossa incapacidade de viver como Jesus, de viver o Evangelho.

Se nos surpreendemos, se nos escandalizamos pelo fato de que os discípulos de Cristo disputam até a Última Ceia sobre qual deles é o maior, isso significa que não entendemos que para seguir verdadeiramente a Jesus não devemos resolver nossa insensatez, mas pedir à Ele a graça que nos muda, que nos abre, que nos faz entender e acolher o Evangelho. O que realmente nos deve chocar e, principalmente, nos afligir não é o fato de sermos insensatos, mas que não pedimos a Deus que mude o nosso coração, que nos converta àquilo a que Ele nos chama.

Por esta razão, voltando à pergunta que fiz antes, "De onde começa a unidade dos discípulos de Cristo?", a primeira resposta que devemos dar honestamente é que ela não começa de nós, não parte da nossa própria iniciativa, do nosso esforço e compromisso. A unidade dos discípulos, a unidade da Igreja, a unidade de uma comunidade, a unidade de uma Ordem, a unidade de todos os cristãos e também de toda a humanidade, começa daquilo em que meditamos no capítulo 17 de João: a oração de Jesus. A unidade dos discípulos parte de Jesus que pede ao Pai: "Que todos sejam um como tu, Pai, em mim e eu em vós" (Jo 17, 21).

Essa oração é a origem e o alimento contínuo da unidade entre nós, da unidade de cada grupo de discípulos, grande ou pequeno, reunidos em nome de Cristo.

Quando fazemos a experiência da divisão, em nossa comunidade, em nossa Ordem, na Igreja universal, é portanto, importante que nós mesmos não comecemos a colar os fragmentos do vaso quebrado, principalmente, quando fomos nós mesmos que o quebramos. Porque a unidade que fabricamos ou consertamos permanecerá frágil como antes e até mais do que antes. Um vaso colado é mais frágil do que um vaso intacto. A unidade eclesial, a unidade em Cristo é algo maior e mais profundo, e portanto, mais sólido, do que aquela que nós mesmos pretendemos fabricar.

Mas o que significa dizer que a nossa unidade tem origem e é alimentada na oração de Jesus?

Aqui também nos arriscamos a dar uma resposta superficial. Pensamos que a comunhão é uma simples "intenção de oração" de Jesus ao Pai, como um ponto da lista de intenções que recitamos no Ofício de Laudes e de Vésperas, ou de nossas intenções pessoais. Como, por exemplo, quando pedimos a cura de uma pessoa doente, ou que façamos bem um exame, ou que não percamos a coincidência do trem.

Não! A questão da unidade dos discípulos para Jesus, não é uma das muitas intenções da oração, que Ele também expressou, como quando nos ensinou a pedir o "pão de cada dia". A questão da unidade, da comunhão, é muito mais profunda, porque nela Jesus não pede simplesmente "algo" por nós: pede para nós a Comunhão da Trindade; pede entre nós aquilo que une o Pai e o Filho no Espírito. Ou seja: Ele pede tudo, o TUDO em absoluto!

Então, entendemos uma coisa fundamental: que recebemos a unidade entre nós, não apenas *graças* à oração de Jesus, como *efeito* da oração de Jesus, mas *com* a oração de Jesus, *na* oração de Jesus, ou seja: a nossa unidade fraterna é Jesus que entre nós reza ao Pai para nos tornarmos participantes da comunhão que Os une na Trindade.